

O FAZER PEDAGÓGICO NA AFETIVIDADE FAMILIAR COMO POTENCIALIZADOR DA/NA PEDAGOGIA: A INFLUÊNCIA DE MULHERES PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Camille Kyane dos Santos Barcellos Guimarães ¹

Magda Cristina Dias de Lucena ²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as influências das relações afetivo-familiares, com enfoque nas interações entre mulheres, na construção da identidade docente enquanto potência para uma prática responsável e transgressora (HOOKS, 2013). A pesquisa tem como base as discussões de Wallon (1995) e Vygotsky (2001) em torno da afetividade não apenas como dimensão emocional, mas como elemento constitutivo da subjetividade humana. Considerando que as relações entre sujeitos no contexto da educação podem ser definidoras para um fazer pedagógico que vá de encontro com a superação das desigualdades e quebra de barreiras, discute ainda sobre os aspectos da presença da educação mercantilizada na sociedade contemporânea e propõe uma abordagem humanizada que reconhece os saberes construídos no cotidiano (FREIRE, 1967). Apresenta, apoiando-se em uma abordagem qualitativa e descritiva de pesquisa (CHIZOTTI, 1995) inspirada nos fundamentos da Pedagogia Histórico Crítica, às influências das relações afetivo familiares, com ênfase nas interações entre mulheres e a construção da identidade docente. Como instrumento de coleta de dados, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o processo histórico da Pedagogia no Brasil e a influência da mulher no contexto da Educação brasileira. Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com estudantes do curso de Pedagogia de uma Faculdade Pública da Baixada Fluminense sobre as influências de mulheres no âmbito familiar que motivaram a escolha pela carreira docente. Os resultados indicam que as relações de afeto, especificamente entre mulheres, são parte crucial na construção da identidade docente. A partir do levantamento bibliográfico, observa-se que a história da pedagogia revela uma forte presença feminina, evidenciando o protagonismo das mulheres na constituição e no desenvolvimento de saberes educacionais. Entende-se assim que, a afetividade familiar atua como um potencializador na formação docente, contribuindo para a constituição de educadores mais reflexivos, comprometidos e questionadores.

Palavras-chave: afetividade familiar; identidade docente; relações femininas; Pedagogia Histórico-Crítica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce do desejo de compreender como as relações afetivo-familiares entre mulheres corroboram para a construção da identidade docente de Pedagogas em formação. A afetividade, entendida enquanto dimensão essencial para a

¹ Graduando do Curso de Pedagogia Plena da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, camillekyanebarcellos@gmail.com;

² Professora orientadora: Mestre em Educação - UERJ, magdacristinalucena@yahoo.com.br



formação da subjetividade humana (Wallon, 1995) e (Vygotsky, 2001), é indissociável ao processo de construção da identidade do próprio sujeito, atravessando dimensões emocionais, sociais e cognitivas. Desse modo, a instituição familiar, seja ela qual for, representa o primeiro espaço que o sujeito estabelece relações significativas, onde se constituem vínculos, valores e modos de se pôr no mundo que acompanham o indivíduo por toda sua vida. Portanto, acreditamos que não é possível pensar a formação da identidade docente desvinculada dos laços afetivos familiares, especialmente daqueles tecidos entre mulheres que, historicamente, sustentam umas às outras em redes de cuidado, partilha e resistência.

Considerando os aspectos da identidade brasileira no campo educacional, que ao longo de sua história construiu a ideia de uma profissão docente forjada a partir da feminilização³ foi feito uma análise dos processos históricos da profissionalização do ensino sob a luz do trabalho de Tardif (2013) relacionando a inserção das mulheres no mercado de trabalho, concomitante a expansão do sistema capitalista, inspirada no conceito de Pedagogia Histórico-Crítica conceituada por Saviani (2011). Desse modo, a educação foi se desenvolvendo enquanto espaço simbólico de cuidado, resistência e transformação social. No contexto brasileiro, o magistério, em especial nos contextos de atuação da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, se configurou como uma atividade associada à vocação, docilidade e à maternagem, herança de uma naturalização da figura feminina nos espaços educativos e, ao mesmo tempo, limitou o reconhecimento social e material do trabalho docente. Sendo assim, buscamos com esse estudo, reconhecer o processo de construção da identidade docente a partir da tessitura entre o processo histórico da educação no Brasil e suas relações apartadas do contexto acadêmico, nesse caso, a afetividade familiar, que se reverberam na atuação da docência feminina.

Para compreender melhor a maneira com que essas relações se entrelaçam, realizamos questionário e entrevistas com alunas do curso de graduação em Pedagogia em uma faculdade de Educação localizada na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. O objetivo foi analisar como essas influências se dão na dinâmica de construção de identidade docente a partir da afetividade familiar levando em consideração as

³ Opta-se aqui pelo uso do termo feminilização, em diálogo com Yannoulas (2001), para se referir ao processo pelo qual o magistério foi sendo simbolicamente atribuído às mulheres, não apenas pela quantidade numérica (feminização), mas pelo sentido de maternidade, doação e subalternidade com que essa prática passou a ser associada, justamente pela visão patriarcal acerca da identidade feminina.



memórias, vínculos e experiências que atravessaram, e atravessam, o percurso formativo das graduandas.

Com base nessas considerações, o artigo está estruturado em três seções: A primeira sendo a descrição dos processos metodológicos adotados na pesquisa e o percurso para escolha das mesmas. A segunda apresenta a fundamentação teórica do trabalho em relação a afetividade, processo histórico da educação no Brasil, assim como a feminilização da docência e identidade docente. E, por fim, as considerações aos possíveis resultados obtidos e suas influências ao contexto atual da formação de professores, considerando aspectos do neoliberalismo e seus impactos para o ensino.

Espera-se que, as análises e reflexões aqui apresentadas contribuam para ampliar o olhar sobre a formação docente, reconhecendo a afetividade familiar e a circulação de afetos entre mulheres como dimensões formadoras que atravessam o “ser professora” em seus múltiplos aspectos, em defesa de um modelo de educação transgressor (hooks, 2013), que rompe a lógica de uma educação com as necessidades voltadas ao mercado.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos propostos, este estudo apoia-se em uma abordagem qualitativa e descritiva, inspirada nos fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica, conforme proposto por Saviani (2020). Inicialmente, após um estudo cuidadoso dos eixos a serem discutidos e das inquietações emergentes da pesquisa, foi disponibilizado a um grupo de estudantes do curso de Pedagogia, de uma faculdade de Educação localizada na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, um formulário on-line com perguntas norteadoras. O objetivo era selecionar, posteriormente, aquelas que mais dialogassem com os questionamentos centrais do estudo.

Em um segundo momento, a partir do levantamento e da análise dessas respostas, seis alunas foram selecionadas para participar da etapa seguinte, a entrevista semiestruturada. Destas, quatro foram efetivamente entrevistadas até a finalização desta publicação. Cabe salientar que, embora o formulário também tenha sido disponibilizado aos estudantes homens da instituição, foram obtidas apenas duas respostas, que não apresentavam relação direta com o tema investigado.

A escolha das participantes se baseou no diálogo entre o objeto de pesquisa e na identificação de semelhanças nas respostas do formulário. Entre as seis estudantes selecionadas, apenas uma convivia com figuras femininas cuja formação mínima era o Ensino Superior. Três relataram conviver com escolarização mínima sendo o Ensino



Fundamental, sendo que uma delas não chegou a concluí-lo, e duas, com mulheres que possuíam o Ensino Médio completo. Assim, observa-se que somente uma das participantes vivencia cotidianamente a presença de mulheres em que a formação mínima é o ensino superior. Ainda assim, todas mencionaram ao menos uma figura familiar que cursou graduação antes de seu próprio ingresso na universidade.

Ao relatarem as influências que motivaram a escolha pelo curso de Pedagogia, todas citaram mulheres de seu convívio familiar, sendo cinco delas, as próprias mães. A partir de seus relatos, foi possível identificar elementos da afetividade e apoio emocional advindos de seus familiares mulheres enquanto essenciais para o ingresso e permanência no curso, além da motivação em relação ao exercício da docência.

Dando continuidade a construção dos elementos necessários para a elaboração da metodologia da presente pesquisa, foi realizada uma entrevista ^{ISSN: 2358-8829} semiestruturada com o intuito de aprofundar os discursos já apresentados pelas estudantes. Vale ressaltar, que ao longo do processo de entrevista novos temas foram apresentados, o que possibilitou reflexões e questionamentos adicionais sobre o objeto de estudo. O ambiente da entrevista mostrou-se acolhedor e seguro, levando em consideração a maneira em que as respostas apresentadas pelas estudantes indicavam situações delicadas e pessoais nas quais vivenciaram ao longo de suas trajetórias formativas.

O intuito era que a pesquisa se debruçasse sobre a valorização da escuta das narrativas apresentadas pelas estudantes, assim como suas experiências e os sentidos que elas davam a sua própria vivência em seus discursos. Após a realização das entrevistas, analisamos suas narrativas e discursos com o intuito de apontar semelhanças e pontos de atenção, sendo eles: (a) a herança e o legado das mulheres da família como incentivo aos estudos, (b) docência como prática de amor, escuta e transformação, (c) afeto enquanto elo do que une identidade pessoal e docente, (d) perspectiva crítica acerca de sua prática educativa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção da identidade docente envolve diferentes aspectos que influenciam diretamente em seu perfil, fazer diário, olhares e perspectivas. Além disso, pode-se considerar que a construção da identidade também ocorre no diálogo entre os significados que cada professor, enquanto ator e autor de sua história, estabelece em suas representações, saberes, sentidos e afetos que dispõe para sua vida. Nesse contexto,



torna-se necessário apontar que para a discussão proposta neste trabalho, a identidade docente é entendida como

Um conjunto de características, experiências e posições atribuídas (e autoatribuídas) por diferentes discursos e agentes sociais aos docentes no exercício de suas funções, em instituições educacionais mais ou menos complexas e burocrática. (Garcia, 2010, p.1)

Como destacado por Garcia(2010), a identidade se dá por meio das interações do sujeito, não somente na perspectiva educacional acadêmica, essa, apesar de imprescindível, também disputa narrativas que atravessam o indivíduo muito antes de seu ingresso da formação profissional.

Diante do exposto, a afetividade enquanto elemento crucial da subjetividade humana e que ultrapassa a dimensão emocional (Vygotsky, 2001) ¹ ~~2011~~ ²⁰¹⁹ ganha centralidade no processo formativo, assim como na construção da identidade docente. Ser docente, portanto, costura elementos de significações para aquele sujeito de modo que exercer uma função técnica, apenas, não se sustenta, pois suas trajetórias pessoais moldam e se transformam à medida que o sujeito estabelece relações consigo, com o outro e com o mundo.

hooks (2013) compreende enquanto uma educação transgressora aquela que desafia as lógicas estruturantes em que costumamos pensar as práticas pedagógicas, nesse movimento, Saviani (2020) conceitua a Pedagogia Histórico-Crítica enquanto uma teoria que anda na contramão de uma ideia de educação que contribua para lógicas tecnicistas, mercantilizadas, tradicionais e se aproxima do conceito do Materialismo não é neutra, se faz através da relação com o outro e com a própria história.

Compreender a identidade docente implica, então, reconhecer que ela é tecida nas relações humanas e sociais através do afeto

Dessa forma, o referencial teórico que sustenta esse estudo se propõe a olhar para a afetividade enquanto eixo que atravessa e, de algum modo, da forma a docência, compreendendo-a como elemento vivo para a construção da identidade de pedagogas em formação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de não conclusivos, os resultados e discussões aqui apresentados partem da análise dos discursos das entrevistadas, assim como seus diálogos com o referencial



teórico e os objetivos iniciais do estudo. Foram identificados pontos em semelhança nas respostas das estudantes: (a) a herança e o legado das mulheres da família como incentivo aos estudos, (b) docência como prática de amor, escuta e transformação, (c) afeto enquanto elo do que une identidade pessoal e docente, (d) perspectiva crítica acerca de sua prática educativa. São eles que darão o norte para discussão aqui estabelecida, pois revelam a relação da formação das entrevistadas com as relações que estabelecem para fora do âmbito acadêmico, interferindo diretamente nas maneiras de ensinar e pensar a profissão.

Nas falas das alunas, o ingresso na Universidade Pública aparece como um meio de reivindicação de espaços educacionais para as mulheres de suas famílias que, ou não terminaram a formação na educação básica e/ou não puderam completar suas trajetórias acadêmicas na graduação por conta de suas obrigações familiares. As mulheres aparecem enquanto mães de família que abandonaram os estudos devido às pressões de casar e/ou ter filhos muito novas. Nesse processo, o discurso voltado às estudantes entrevistadas por essas mulheres são de incentivo, esperança e de dar continuidade dos sonhos daquela família. Uma das entrevistadas conta que ao ter dificuldades de conciliar a graduação, outras obrigações do dia a dia e o trabalho como professora em dois turnos diferentes, sua avó pediu que ela largasse o trabalho e focasse nos estudos e sugeriu que a família a ajudasse com o que precisasse com os filhos, mas que seguisse estudando. Apesar da estudante não ter largado o emprego, reduziu sua carga horária e relata que esse tipo de incentivo a impulsiona em sua trajetória acadêmica, pois sente que essa formação trará reivindicação para as mulheres que a circulam que não tiveram as mesmas oportunidades que ela. Outra estudante entrevistada relatou que ouviu de sua avó desde muito nova “Ninguém estudou e se você estudar, você não vai passar pelo o que estamos passando”, acredito que esse discurso traduz o modo como a circulação de afetos entre mulheres se reverberam em força para seguirem suas formações e trajetórias acadêmicas. Sendo assim, em diálogo com hooks (2013), o estudo aparece enquanto um ato de resistência às estruturas de poder.

Ao longo das entrevistas as estudantes pontuaram sobre como a forma como se percebem enquanto docentes, a maneira com que suas práticas carregam consigo as identidades de suas familiares mulheres e como gostariam de atuar futuramente enquanto pedagogas. Desse modo, as estudantes defendem uma prática que esteja atravessada pela amorosidade, cuidado, escuta e afeto. Elementos que também trouxeram como constitutivos para suas relações educativas e familiares.



Nesse sentido, o afeto aparece enquanto um elo que atravessa o próprio ser e o fazer docente. Por vezes, as fronteiras que pareciam separar seus modos de ocupar os espaços educacionais e de se colocar em outros contextos se entrelaçavam. Trata-se de uma relação dialética, não antiética, em que o vivido na docência retorna como aprendizado sobre si e sobre o mundo, reverberando, de modo cíclico, nas maneiras de ser e exercer a docência.

Por fim, as narrativas também revelam um olhar crítico sobre a docência e sobre o lugar da mulher na educação. As estudantes reconhecem as contradições de uma profissão historicamente feminilizada e desvalorizada, mas reafirmam a potência de ocupar esse espaço de forma consciente e transformadora, em síntese, compreendem a educação como prática social e intencional voltada à emancipação humana (Saviani, 2020).

ISSN: 2358-8829

As análises das entrevistas evidenciaram que a identidade docente é atravessada pela afetividade, pela história e pelas experiências partilhadas entre mulheres. As falas reafirmam que a docência, mais do que um ofício, é um gesto de existência coletiva, sustentado por laços que ultrapassam o espaço escolar e se ancoram na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que esse estudo ainda se mantém em andamento e é fruto do trabalho de conclusão de curso de uma das autoras. Sendo assim, as possíveis considerações, mesmo que ainda em construção ativa, apontam caminhos e inquietações que buscam contribuir para o debate da construção da identidade docente e do papel formativo da circulação de afetos entre mulheres.

Além disso, ao longo da pesquisa, um ponto chamou mais atenção e deve ser observado posteriormente, em outras produções, de maneira mais detalhada: para essas mulheres em contextos periféricos, estar em uma universidade, especialmente pública, é de alguma maneira trazer a tona os sonhos de suas ancestrais que foram negadas a esses espaços. Isso muda a relação que essas mulheres estabelecem com o espaço universitário, a busca pelo conhecimento parte de um outro lugar. Em um contexto de uma faculdade de educação na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro essa relação se estabelece de uma maneira, muito provavelmente, mais aproximada de seus objetos de estudos, suas inquietações, problematizações e angústias, uma vez que suas vivências atravessam o território, a sala de aula e o corpo que ensina. Corpo esse que carrega



memória, memória territorial e ancestral, em que o conhecimento vira herança e possibilidades de suas ancestrais viverem através delas.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2º ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GARCIA, M.M. **Identidade docente**. In. OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

YANNOULAS, S. **Feminização ou feminilização?** Apontamentos em torno de uma categoria. Temporalis, 2011

TARDIF, M.. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Educação & Sociedade**, v. 34, n. 123, p. 551–571, abr. 2013.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica. Revista Binacional Brasil-Argentina: **Diálogo entre as ciências**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 11–36, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/rbba/article/view/1405>.

HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2013, 2013.

